



Ecos de Aruanda

INFORMATIVO DO TEMPLO ESCOLA PAI JOÃO DE ARUANDA

Nº 11 · BRASILIA · JUNHO DE 2025



Xangô na Umbanda: força, justiça e realeza

Edição especial que marca a retomada do Ecos de Aruanda: o axé de Xangô, senhor da justiça, do fogo e do trovão, das pedreiras de Oiô aos pontos cantados nas giras.

casadepaijoao.org.br
QE 40 Rua 10 Lote 14 - Térreo - Polo de Modas,
Guará II - Brasília - Distrito Federal - CEP: 71070-510

Editorial

XANGÔ NA UMBANDA: FORÇA, JUSTIÇA E REALEZA

É com imensa alegria no coração e profundo senso de compromisso que anunciamos a retomada do Ecos de Aruanda, o informativo do Templo Escola Pai João de Aruanda. Este retorno não é apenas a continuidade de um trabalho, mas a reafirmação de um propósito: ecoar saberes, partilhar axés e fortalecer os laços da nossa comunidade espiritual.

Salve a justiça que reluz no trovão!

Salve o fogo que queima as mentiras e ilumina os caminhos da retidão!

É com a força vibrante de Xangô que retomamos o Ecos de Aruanda, nosso informativo que, como o tambor que ressoa no terreiro, vem anunciar saberes, reflexões e fundamentos da Umbanda com respeito, fé e ancestralidade. E não poderia haver momento mais simbólico para esse recomeço: Junho, mês em que celebramos a majestade de Xangô, o senhor da justiça e do fogo sagrado.

Xangô não é apenas um Orixá: ele é o arquétipo da verdade que liberta, do poder que não oprime, mas educa, equilibra, ordena. Na Umbanda, é ele quem orienta o caminhar reto do médium e do consulente. É o conselheiro severo e amoroso, o Rei que não tolera a injustiça, mas ensina que todo julgamento nasce da consciência desperta.

Nessa edição especial, mergulhamos no axé de Xangô para revisitar fundamentos, contar histórias, e abrir caminhos de entendimento sobre essa força tão presente nos terreiros. Vamos das pedreiras de Oiô, na África ancestral, aos pontos cantados nas giras de Umbanda, passando pela oralidade que preserva e atualiza os saberes do nosso povo de axé.

Seja bem-vinda, seja bem-vindo à retomada do Ecos de Aruanda. Que os ventos de Aruanda levem longe nossas mensagens! Que cada página ecoe como o trovão: firme, revelador, transformador.

Kaô Kabiesilé!

Boa leitura!

Jardim Sagrado

ERVA-DE-SÃO-JOÃO

No Jardim Sagrado, a gente planta fé, colhe proteção e espalha sabedoria.

No mês dedicado ao Orixá Xangô — senhor da justiça, do fogo e do trovão — o Jardim Sagrado convida você a conhecer uma planta que carrega consigo a força das tradições e a luz da ancestralidade: a erva-de-são-joão (*Hypericum perforatum*).

Reverenciada nas festas juninas e presente nos rituais da Umbanda, essa erva é muito mais do que uma planta. Ela é símbolo de proteção, de cura e de conexão espiritual. Nos banhos de limpeza, nas defumações e nas águas benzidas sob o luar de São João, ela atua como escudo contra o mau-olhado, espíritos perturbadores e energias densas.

No silêncio das matas e nas mãos sábias das benzedadeiras, a erva-de-são-joão também revela sua força medicinal. A ciência confirma o que a tradição já sabia: ela tem propriedades antidepressivas, sendo eficaz no tratamento de casos leves a moderados de depressão. Também age como antibacteriana, antifúngica, diurética e antioxidante, sendo um verdadeiro milagre da natureza.

É planta que protege e que cura, que purifica o corpo e acalma a alma. Mas como todo saber ancestral, ela deve ser usada com respeito e consciência — sempre com orientação de um profissional da saúde.

Neste mês de Xangô, abrace a sabedoria do Jardim Sagrado. Que a erva-de-são-joão traga luz, equilíbrio e proteção ao seu caminho.



Saudação

A história do rei que se tornou orixá

A história do rei que se tornou orixá revela a força de um líder que atravessou mundos e gerações. Segundo a mitologia iorubá, Xangô foi um rei valente, justo e um grande administrador, que governava seu povo com mãos firmes e coração leal. Sempre em busca de armas para vencer seus adversários e expandir seu império, ele acabou sendo divinizado depois de sua morte. Foi ele próprio, o quarto Alafim de Oiô — sendo Alafim o nome pelo qual o rei era conhecido — que o povo escolheu como seu orixá protetor, sendo ele também o primeiro sacerdote do próprio culto.

Durante o reinado de Xangô, Oiô atingiu o auge de seu poder, e o nome de seu soberano ficou associado ao triunfo, ao comando e à liderança. Por essa razão, o culto ao orixá Xangô atravessou comunidades iorubás e chegou a outras regiões, sendo ele um dos poucos orixás reverenciados para além de seu próprio lugar de origem. Isso aconteceu exatamente pelo tamanho do império de Oiô e pelo nome de Xangô como um grande líder, que compartilhava o próprio destino com o de seu povo.

Dentro da tradição iorubá, orikis são poemas e cânticos de exaltação, usados para louvar suas divindades. Em seus orikis, Xangô é aclamado como o senhor do fogo, do trovão e do raio. Ele é chamado de “o rei que faz tremer a terra”, “o senhor do machado duplo” e “o fogo que nunca se apaga” — expressões que reverenciam a força, a justiça e o poder desse grande orixá.

Com a chegada de povos escravizados ao Brasil, o culto a Xangô atravessou o oceano junto ao coração de cada pessoa da diáspora. Em um período marcado pelo sofrimento e pelo cerceamento da liberdade, o nome de Xangô fortaleceu comunidades afro-brasileiras como um símbolo de resistência, justiça e liberdade. Ele passou a representar o equilíbrio, a retidão e o caminho da justiça — sendo a expressão da resistência ancestral de um povo que, apesar das dificuldades, continuou vivo nas comunidades, nas irmandades e nas giras de Umbanda.

Seu principal símbolo é o oxé, o machado de dois gumes, que corta as injustiças e revela o caminho da retidão. Ele representa o equilíbrio, a justiça e a dualidade. Outros símbolos de Xangô incluem o raio — que revela caminhos e verdades — e a pedreira, que revela sua ligação com a terra, a rocha e o magma. A ele estão associados também o fogo, a força da natureza e o próprio coração da terra.

Com o tráfico de pessoas para o Brasil, o culto a Xangô atravessou o oceano junto ao coração de cada pessoa da diáspora. Ele se fortaleceu nas comunidades afro-brasileiras, principalmente nas cidades, onde os povos escravizados tinham maior liberdade de organização. Foi nas comunidades, nas irmandades religiosas, que o nome de Xangô continuou vivo, sendo reverenciado até hoje.

Dentro da Umbanda, ele possui uma linha própria e seus Caboclos são invocados para apoiar na resolução de conflitos, tanto nas questões pessoais quanto nas disputas da justiça. Ele é o protetor contra a injustiça, a opressão e a falsidade. A ele são oferecidos alimentos e objetos como cerveja preta, velas marrons e outras oferendas, como forma de reverência e gratidão.

A expressão “Kao Kabecilê” — usada na Umbanda para saudar Xangô — significa “Venha saudar o rei” ou “Permita-me vê-lo, Majestade!”. É uma forma de reverenciar sua força, seu poder de justiça e de dizer: “Estamos prontos para receber suas bênçãos e sua sabedoria.” “Kao” é um chamado, um pedido para que ele se aproxime. “Kabecilê” faz referência ao seu poder real, ao seu lugar de juiz divino. Dessa forma, ao entoar essa expressão, os povos de terreiro renovam a confiança na justiça de Xangô e buscam sua luz para encontrar caminhos de retidão, liberdade e consciência.

Kaô Kabecilê!

Xangô e o sincretismo

Ah... escutai, filhos e filhas de Axé, a história que vou vos contar. Sentaí ao meu redor, junto ao fogo da memória, para ouvir como o próprio coração da África atravessou o oceano e renasceu nas mãos do povo preto nas Américas. É a história de como o sincretismo deu forma ao sagrado nas comunidades afro-brasileiras — um pacto de resistência, de fé e de liberdade — onde orixá, santo e ancestral passaram a dançar juntos na mesma roda.

Neste Brasil de tantos mundos compartilhados, o sincretismo religioso é como um grande caldeirão onde se misturam o catolicismo, as religiões da África ancestral e as crenças indígenas. Dessa fusão, cheia de dor, saudade e criatividade, nasceram caminhos únicos de vivência da fé, onde santos católicos passaram a receber a pele, o nome e o axé de orixás.

Assim foi com Xangô, o grande orixá da justiça, do raio e do trovão. Ele atravessou o oceano nas correntes da dor, junto ao seu povo, sendo preciso encontrar um disfarce para permanecer vivo. Foi assim que ele se cobriu com o manto de São Jerônimo, um santo de erudição, de sabedoria, de justiça. Os dois compartilham o livro, o machado, o poder de dizer o que é certo e o que é errado. São Jerônimo, com seu próprio machado e a palavra como lâmina da justiça, revela o coração de Xangô nas comunidades da diáspora.

E também São João chegou para dançar junto de Xangô. A fogueira de São João — que no catolicismo acende a luz da fé — passou a marcar o ponto de encontro, de purificação e de justiça nas celebrações de Xangô. Foi nas chamas dessa fogueira que o povo acendeu suas esperanças, pedindo ao orixá a cura, a liberdade e o fim das injustiças. A fogueira, elemento sagrado, revela o próprio coração de Xangô: ele é o raio que corta o peito do mundo, o trovão que faz estremecer a terra, o fogo que purifica e fortalece.



É assim, meus filhos, que o sincretismo revela toda a resistência e riqueza da cultura afro-brasileira. Ele é a memória viva de um povo que, apesar de tudo, escolheu permanecer de pé, compartilhando sua fé, suas histórias e seu axé. Na união de mundos, na fusão de crenças, o próprio Xangô revela a sua face, mostrando que a justiça, a liberdade e o coração de um povo estão vivos nas chamas da tradição.

Elementos Correspondentes



Elementos Correspondentes

Cor	Marrom
Elemento	Fogo
Dia da Semana	Quarta-feira
Domínios da Natureza	Pedreiras, vulcões.
Domínios da vida	Senso de Justiça, equidade e equilíbrio e retidão.
Pedras	Jaspe, olho de tigre.
Ervas	Ervas de São João, erva moura, picão, aperta-ruão, quebra-pedra.
Flores	Crisântemos ou rosas marrom, palma vermelha.
Elemento ritualístico	Oxé (Machado de duas faces)

Roda de Ancestralidade

PAI BENEDITO DE ANGOLA

JUSTIÇA, MEUS FILHOS NÃO É CASTIGO — É EQUILÍBRIO.

A tradição oral é o fio que tece o pano da memória. E é por isso que hoje, como fizeram comigo os meus mais velhos, eu também te conto. Pra que você conte aos seus. Pra que nunca se esqueça. Porque enquanto a gente lembra... nossos ancestrais vivem.

Essas histórias que a gente chama de itans são muito mais do que contos. São caminhos, mapas de sabedoria, espelhos do que somos. Vieram de longe, da terra quente do povo iorubá, atravessaram oceanos, choraram nos navios negreiros, mas não se calaram. Não, meus filhos... essas palavras resistiram, e aqui estão, vivas, pulsando em cada roda de ancestralidade.

Cada itan é como uma semente: pequena, mas carregada de mundo. Nessa semente africana mora a justiça de Xangô. E quem escuta com o coração aberto aprende a viver com mais respeito à natureza, à comunidade, ao outro e a si mesmo. O que eu vou contar não se lê em livro, vem do sopro do tempo, do tambor que fala, da boca dos mais velhos que guardam o mundo inteiro dentro de si.

Pois então, minha fia... meu fio... senta aqui do lado de vovô, que hoje a noite tá boa pra proseá, e os ventos tão sussurrando história que veio de longe... Veio cruzando o tempo, pulando boca de noite, montado no tambor do tempo dos ancestrais.

Essa é história de Xangô, rei que nunca se dobra, senhor do fogo e do trovão, O alafim de Oyó, aquele que governa com o Oxé, machado de duas pontas que corta sem dó, mas com justiça...

Porque justiça, fio meu... não é castigo.
— é equilíbrio.

Contam os mais antigos que, certa feita, Xangô foi chamado em seu reino para resolver uma grande questão. Era um povoado dividido, embaraçado na mentira dos homens. Uns gritavam sua verdade, outros murmuravam a enganação... Mas ninguém sabia mais quem tava certo, quem tava torto. E o povo sofria... porque onde a verdade é esquecida, a injustiça faz festa.

Chamaram então o rei do raio, o senhor do julgo certo, o orixá do machado flamejante.

Xangô chegou imponente... O céu se calou. Os ventos pararam. E até os passarinhos da mata esperaram a palavra do rei.

Xangô, com seu Oxé reluzente nas mãos, ergueu os olhos pro céu, clamou aos ancestrais e disse:

"Que a verdade se revele como trovão, que a mentira caia como folha seca na tempestade. Que a justiça se faça... e que o machado corte para os dois lados."

E nesse instante, minha gente...

O céu rugiu.

O raio dançou entre as nuvens como serpente de fogo.

E onde havia mentira, a terra rachou.

Onde havia verdade, brotou uma flor marron, como chama viva da coragem.

Daquele dia em diante, o povo entendeu:

A justiça de Xangô não escolhe lado por aparência, nem se curva a clamor de multidão.

Ela pesa o coração. Ela mede as ações. E se o fardo for de maldade, ah... então o raio vem.

Mas se for de arrependimento sincero, de reparação verdadeira... Xangô escuta. Xangô espera.

Porque o machado também conhece a misericórdia.

E foi por isso que os mais velhos começaram a dizer:

"Quando alguém parte da vida atingido pelo raio, não foi o acaso, não. Foi o machado de Xangô limpando a terra da injustiça escondida."

Mas cuidado...

O raio não cai por vingança. Ele cai por justiça. Porque Xangô não castiga — ele revela. E onde a mentira se esconde, ele clareia. E onde o inocente sofre, ele levanta o braço do fraco e desarma o braço do opressor.

O Oxé, aquele machado bonito que o médium carrega quando Xangô se aproxima, não é arma de guerra — é bússola de verdade. Tem duas lâminas porque justiça tem dois olhos, e corta de ambos os lados pra lembrar que todo mundo tem escolha... e toda escolha tem seu preço.

Então, minha fia... meu fio... Quando sentir que a vida tá te pesando, olha pro céu...

Se o trovão ressoar no teu peito, escuta: pode ser Xangô chamando. Não pra te punir, mas pra te ensinar. Porque a justiça dele é fogo que queima, sim... Mas também é luz que guia.

Vovô termina aqui a história...

Mas ela continua aí, ó... dentro do seu coração.

Saravá, Xangô!

Umbanda tem Fundamento

O Que é a Justiça Divina

A gente escuta muito por aí: "Podemos até escapar da justiça dos homens, mas jamais da justiça divina." Geralmente essa frase aparece quando sentimos que uma sentença aqui na Terra foi leve demais diante de uma grande falta cometida. Mas, afinal, o que realmente significa Justiça Divina?

Primeiro, é preciso entender que Deus é amor infinito, soberanamente justo e bom. Na justiça divina, não existe punição no sentido tradicional — o que existe é a colheita natural daquilo que plantamos. Como disse Jesus: "A cada um será dado segundo as suas obras." Nessa frase, simples e profunda, está resumida toda a lógica da justiça divina. Em outras palavras: somos medidos por nossas ações.

Justiça dos Homens vs. Justiça Divina

A justiça dos homens é baseada em códigos legais criados por pessoas. Quando há um conflito, especialistas analisam o caso, julgam e, se necessário, aplicam uma pena conforme a lei. No direito, fala-se em “nexo causal” — a relação entre o que alguém fez e as consequências disso. Tudo é decidido por um juiz, que interpreta os fatos e aplica a pena com base no seu entendimento.

Já a Justiça Divina funciona de forma bem diferente. Ela não tem intermediários, nem tribunais ou juízes. As consequências vêm de forma direta e natural, como uma reação inevitável às nossas ações. Não há castigo. O que existe é consequência. E toda consequência carrega dentro de si a possibilidade da reparação — com arrependimento sincero e esforço real de mudança.

A Lei é Uma Só para Todos

Na Justiça Divina não há dois pesos e duas medidas. As leis são imutáveis, perfeitas e justas. E ninguém consegue enganá-las. Deus nos deu um presente poderoso: o livre-arbítrio. Isso significa que somos livres para escolher como agir — mesmo sabendo o que é certo e errado. Mas essa liberdade vem com responsabilidade. Todos os espíritos, sem exceção, estão sujeitos às mesmas regras, pois foram criados iguais, simples e ignorantes, com o mesmo potencial de evolução.

Se escolhemos o bem, colhemos o bem. Se nos entregamos ao mal, mais cedo ou mais tarde sentiremos os efeitos disso.

Um Exemplo Prático

Imagine alguém que fuma por toda a vida. Os efeitos logo aparecem no corpo — doenças respiratórias, cardíacas, entre outras. Isso é castigo? Claro que não. É uma consequência natural de um ato livremente escolhido. O corpo não julga quem fuma: rico ou pobre, religioso ou ateu, todos colhem o mesmo resultado diante da mesma escolha. E assim funciona também no plano moral. As consequências duram o tempo que durar a causa que as gerou. Ou seja, se a raiz do problema for removida — com mudança de conduta, consciência e arrependimento — os efeitos também desaparecem.

Onde Estão Escritas Essas Leis?

Estão dentro de nós, na nossa consciência. É nela que habita esse código divino, silencioso e infalível. E mais uma vez, Jesus nos aponta o caminho, com sua sabedoria simples e revolucionária:

"A cada um segundo as suas ações."

Essa frase carrega uma promessa e um chamado: se as consequências são diretas e naturais, então também podemos plantar agora as sementes de uma vida mais feliz. Se hoje estamos colhendo dores por erros passados, é hora de colher, sim — mas também de semear um novo caminho com atitudes éticas e um coração renovado.

Está em Nossas Mãos

Através do livre-arbítrio, podemos prolongar ou abreviar nossos sofrimentos. Como alguém que adoece pelos próprios excessos — só melhora quando decide mudar. E se queremos um futuro mais leve, justo e cheio de paz, o caminho está em alinhar nossas atitudes com o que nossa consciência nos mostra como certo.

E se alguma vez surgir a dúvida sobre como agir, basta lembrar da Regra de Ouro, a partir disso, não há como errar.

"Faça aos outros o que gostaria que fizessem com você."

Sala de Cura

A Força de Xangô e o Banho com Erva-de-São-João

Ensinamentos de uma velha benzedeira...

Filho, filha... sente aqui pertinho do terreiro da vó que eu vou te contar um segredo antigo, daqueles que a gente aprende com o vento no mato e com as águas que correm mansas nas grotas do quilombo.

No mês de Xangô — senhor da justiça, do raio e do equilíbrio — a gente planta os pés no chão e levanta as mãos pro céu pedindo ordem, luz e coragem. E é nesse tempo que a erva-de-são-joão floresce com mais poder. Essa plantinha miúda, mas valente, carrega o axé da proteção e da limpeza das coisas que pesam o coração e o pensamento.

Aqui a gente usa ela assim: em banho de descarrego e organização do campo da justiça.

Quer aprender?

Eu te ensino com carinho...

Essa erva também é usada nas festas de São João, pra defumar a casa e benzer a água. E não é só no espírito que ela age não — ela também cura tristeza, infecção e peso no corpo. Mas ó: o que cura também pode machucar, se for usado errado. Então, se for tomar como chá ou usar no corpo, procura um profissional da saúde que respeite os saberes da terra.

Banho de Erva-de-São-João

Você vai precisar:

- Um punhado generoso de erva-de-são-joão fresca ou seca.
- Um litro de água
- Se quiser, pode juntar umas folhas de louro e um pouco de alecrim, que ajudam a clarear os caminhos

Modo de preparo:

Aquece a água até quase ferver.

Desliga o fogo e joga a erva lá dentro com respeito, pedindo licença à natureza.

Tampe o recipiente e deixe a mistura amornar, enquanto você reza ou mentaliza a energia de Xangô, pedindo clareza nas decisões, justiça nas suas causas e força pra andar de cabeça erguida.

Quando estiver morna, coe o banho e leve pro chuveiro ou pro quintal.

Na hora do banho:

Depois do seu banho de higiene normal, jogue essa água do pescoço pra baixo, com fé. Enquanto a água escorre, peça pra tirar as injustiças da sua vida, pra clarear as verdades, pra afastar todo mal-olhado e trazer equilíbrio pras suas decisões.

Deixa secar no corpo naturalmente. E depois, se puder, acenda uma vela branca ou marrom pra Xangô e agradeça.

Oração

Divino Pai Xangô, Senhor do Fogo, do Trovão e da Justiça.

Eu vos evoco para que me acolha em vossos braços, em vosso Reino e Dimensão.

Peço que me oculte de toda má intenção e perigo traiçoeiro.

Que seu Fogo Sagrado consuma toda negatividade espiritual, mental e emocional que por ventura estejam em meu campo a me prejudicar.

Que pelo seu Axé, se estabeleça em meu ser emocional e o equilíbrio mental, para que eu possa pensar e agir sempre de forma justa e equilibrada.

Kaô Kabecilê Xangô!



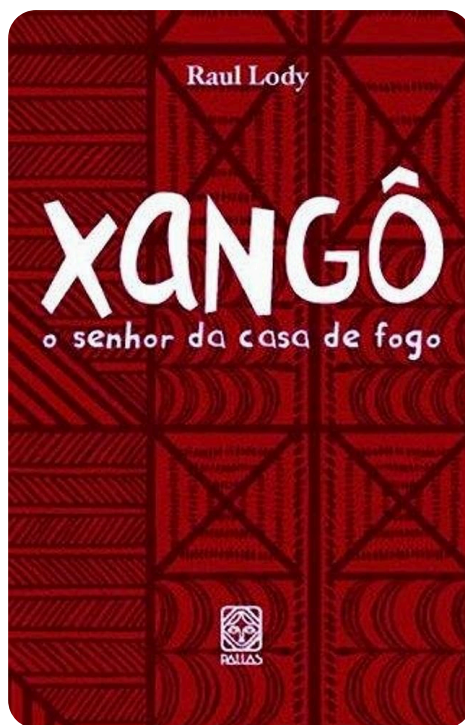
Salve o Ponto

SAUDAÇÃO A MEU PAI XANGÔ

Ele é o rei do trovão
Orixá da força e da justiça
É o rei da nação Nagô
Opanixé Kaô
Olori é meu orixá
Que me guia nessa caminhada
Seu machado corta e não dá falha
Aruanda é minha morada
Kaô kabecilê
Saudação a meu pai Xangô
Da pedreira vem essa força
A fúria do meu tambor
Kaô kabecilê
Saudação a meu pai Xangô
Da pedreira vem essa força
A fúria do meu tambor
lê kabecilê
lê kabecilê, camará
lê Oju Obá
lê Oju Obá, camará
lê meu pai Xangô
lê meu pai Xangô, camará

Compositor: Mumu de Oliveira

Na Estante



Ficha do livro

Título	Xangô: O Senhor Da Casa De Fogo
Autor	Raul Lody
Editora	Pallas
Corrente	Religiões de Matriz africana

A Obra dos Fundamentos de Xangô é um mosaico de saberes. Neste livro, Lody não apenas homenageia a casa de santo baiana — ele nos oferece um verdadeiro compêndio dos fundamentos que cercam Xangô. Com linguagem acessível e rica em simbolismo, ele nos conduz por um vasto mosaico de saberes: dos tempos míticos dos antigos povos africanos ao sincretismo brasileiro, das danças sagradas aos sabores quentes das comidas rituais, das vestes imponentes às celebrações vibrantes que ecoam trovões.

A força desta obra está em sua capacidade de traduzir com beleza e fidelidade o universo de Xangô, sem filtrá-lo pelos olhos do colonizador. Em suas páginas, o leitor encontra ilustrações criadas pelo próprio autor, que resgatam a estética de matriz africana — um convite visual e simbólico à imersão num mundo onde o vermelho do fogo, do dendê, do raio e da paixão é a cor da espiritualidade e da resistência.

Assim, mais que um livro, esta obra é um instrumento de conhecimento e afirmação cultural, uma celebração do axé de Xangô, escrita por alguém que não apenas estuda, mas vive e sente a pulsação dessa herança sagrada. A leitura não é apenas recomendada — é necessária a todos que desejam compreender o Brasil profundo e os fundamentos de uma das divindades mais emblemáticas da religiosidade afro-brasileira.

Expediente

ECOS DE ARUANDA é um informativo sem fins lucrativos do Templo Escola Pai João de Aruanda. O conteúdo não deve ser reproduzido sem prévia autorização. Não pode ser comercializado.

Expediente

Orientação Espiritual	Pai João de Aruanda
Direção do Templo / Revisão	José Adilson Dantas
Pesquisa	Gleison Cardozo
Jornalista Responsável / Projeto Gráfico	Gleison Cardozo - DRT DF-8266

Caro leitor, caso tenha alguma dúvida sobre assuntos retratados ou sugestão de temas a serem abordados por ECOS DE ARUANDA em quaisquer uma das seções, nos envie por e-mail. Gratidão.

Leia esta edição no site: <https://casadepaijoao.org.br/ecos-de-arunda/11-junho-2025-xango/>